

Doenças ocupacionais na fumicultura: os riscos percebidos pelos trabalhadores rurais do Paraná

Marcia Domenica Cunico Barancelli

Instituto Federal do Paraná

Miguel Angelo Perondi

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Leticia Lima Trindade

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Recebido: 18/08/2016 Versão revisada (entregue): 31/08/2017 Aprovado: 17/06/2018

Resumo

O presente estudo teve por objetivo conhecer a percepção dos riscos ocupacionais dos fumicultores de duas comunidades produtoras de tabaco (sistemas produtivos de tabaco Burley e Virgínea). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada entre março e agosto de 2012, para a qual utilizaram-se observações e entrevistas. Evidenciou-se equidade entre a maioria dos riscos nos dois sistemas produtivos investigados. Porém, no sistema tipo Virgínea percebeu-se um maior comprometimento da saúde do trabalhador. Em ambas as comunidades a saúde das famílias de fumicultores é sistematicamente exposta a riscos. Contudo, estes são pouco relacionados com o trabalho, com sua saúde e o sistema produtivo em que atuam. A escassez de ações de saúde e os déficits no processo de notificação relacionados às intoxicações demonstram a necessidade de uma atenção à saúde dos fumicultores. Devido às especificidades de suas condições de vida, dispersão e heterogeneidade, são requeridas ações de fiscalização do ambiente de trabalho e de vigilância em saúde.

Palavras-chave | Doenças ocupacionais; fumicultura; Paraná; saúde do trabalhador rural.

Código JEL | I18; J81; Q10.

OCCUPATIONAL DISEASES IN TOBACCO FARMING: PERCEIVED RISKS BY RURAL WORKERS IN PARANÁ

Abstract

The study aimed to know the occupational hazard perception of tobacco growers from two producer communities (tobacco productive systems Burley and Virgínea). This is a qualitative research performed between March and August 2012, for which interviews and observation were used. Equity was evidenced among most hazards in both productive systems investigated.

Nonetheless, in the Virginea system it was perceived a higher impairment of the worker's health. The health of these workers is systematically exposed to hazards in both communities; however this is minimally related to the job, their health and the productive system in which they operate. The lack of health actions and the deficiency in the notification process related to intoxications show the necessity of attention to the health of this population that, due to the specificities of their life condition, dispersion and heterogeneity, require activities of inspection of working environment and health surveillance.

Keywords | Occupational diseases; Paraná; rural worker's health; tobacco farming.

JEL-Code | I18; J81; Q10.

ENFERMEDADES OCUPACIONALES EN EL CULTIVO DE TABACO: LOS RIESGOS PERCIBIDOS POR LOS TRABAJADORES RURALES DE PARANÁ

Resumen

El estudio tuvo como objetivo conocer la percepción de los riesgos ocupacionales de los tabacaleros de dos comunidades productoras de tabaco (sistemas productivos de tabaco Burley y Virginea). Se trata de una investigación cualitativa, realizada entre marzo y agosto de 2012, en la que se utilizaron observaciones y entrevistas. Fue evidente la equidad entre la mayoría de los riesgos en los dos sistemas productivos investigados. Sin embargo, en el sistema tipo Virginea se percibió un mayor comprometimiento de la salud del trabajador. En ambas comunidades la salud de las familias de cultivadores de tabaco es sistemáticamente expuesta a riesgos, aunque estos se relacionan poco con el trabajo, con su salud y el sistema productivo en el que actúan. La escasez de acciones de salud y el déficit en el proceso de notificación relacionado con intoxicaciones, demuestran la necesidad de una atención a la salud de los productores de tabaco. Debido a las especificidades de sus condiciones de vida, dispersión y heterogeneidad, se requieren acciones de fiscalización del ambiente de trabajo y vigilancia de la salud.

Palabras-clave | enfermedades ocupacionales; cultivo de tabaco; Paraná; salud del trabajador rural.

Código JEL | I18; J81; Q10.

Introdução

A produção mundial de tabaco demonstrou declínio, na década de 70, com o início dos movimentos que denunciavam os efeitos negativos do tabaco. A partir da mobilização social e do reconhecimento da comunidade científica sobre o fator de risco do tabagismo como desencadeador de inúmeras doenças, bem como sua condição de doença causada pela dependência à nicotina e fator agravante de fome e pobreza no mundo, a 52^a Assembleia Mundial de Saúde propõe, em 1999, a adoção de um Tratado Internacional para o Controle do Tabaco, a Convenção Quadro (OMS, 2003; BRASIL, 2001, p. 96).

A queda da quantidade de tabaco produzida no mundo foi de aproximadamente 13%, entretanto, observa-se que esta queda está relacionada aos países

desenvolvidos. A reflexão dos aspectos de crescimento econômico e social nos países em que a fumicultura tem representatividade na agricultura familiar demonstra uma fragilidade e um elevado fator de risco, mediante o cenário mundial de políticas que visam reduzir a demanda por tabaco. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o Brasil é o terceiro produtor mundial de fumo em folha e o líder mundial em exportação (FAOSTAT, 2013; SEAB, 2015, p.4).

No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento demonstram que a produção de tabaco se concentra na região Sul, responsável por 96% do total nacional, sendo o estado do Paraná o terceiro maior produtor de tabaco da região (IBGE, 2011; SEAB, 2015, p. 4). O desenvolvimento desta pesquisa se deu nesse estado, que possui um total de 399 municípios, sendo que 180 são produtores de tabaco. Estima-se que o número de fumicultores chega a 35 mil, com 164 mil pessoas no meio rural dependendo da atividade (DESER, 2016; SEAB, 2015, p.15).

Mediante o avanço na produção e exportação deste insumo, o Brasil participa da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), realizada em maio de 2003, com a participação de 190 países membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual propõe a união de esforços dos países membros num conjunto de medidas que detenham a expansão do consumo de tabaco no mundo. Essas medidas visam a proteção das gerações do presente e futuras gerações das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas desencadeadas não só pelo consumo do tabaco, mas também pela exposição a esse insumo (OMS-CQCT, 2003).

Somando esforços às propostas da Convenção, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Norma Regulamentadora 31 (NR 31), busca controlar os riscos ocupacionais na atividade dos trabalhadores rurais. Autores consideram que na fumicultura se destacam os riscos de acidentes, carga horária de trabalho exaustiva, riscos químicos como intoxicação por agrotóxicos e nicotina, riscos de natureza física como calor excessivo, umidade, fatores causadores de estresse físico e psíquico, bem como riscos biológicos pela exposição a fungos, bactérias presentes nos processos relacionados ao plantio e demais etapas produtivas que acabam por configurar um cenário prejudicial ao trabalhador (BRASIL, 2016; HEEMANN, 2009, p. 33; OLIVEIRA, 2010, p. 2264).

Em específico, no que se refere aos riscos químicos, a fumicultura apresenta elevado risco de intoxicação pela nicotina, a qual predispõe o trabalhador a doenças ocupacionais, especialmente à doença da folha verde do tabaco. Esta patologia pode afetar os trabalhadores durante o período da safra e é identificada como a síndrome causada pela absorção cutânea da nicotina a partir do contato com a planta do tabaco. Contudo, apesar de comprovações científicas da doença, são escassas as ações em saúde pública e ocupacional voltadas aos fumicultores. Isso se agrava

tendo em vista o sistema de notificação inadequado e a falta de preparo dos profissionais de saúde para correlacionarem os sintomas e as causas das intoxicações ligadas à fumicultura, o que são fatores que agravam a exposição desses trabalhadores (OLIVEIRA, 2010; RIQUELMO, 2014).

O contexto de trabalho extenuante e cercado de riscos à saúde do fumicultor apresenta-se como uma lacuna importante na produção de conhecimentos e nas políticas públicas de saúde do trabalhador e vigilância em saúde (MENDES, 2005). Desse modo, na lógica da saúde do trabalhador, destaca-se a importância da percepção dos fumicultores em relação aos riscos a sua saúde presentes na atividade laboral cotidiana. Essa percepção deve nortear as ações de cuidado à saúde desses trabalhadores e a elaboração de políticas públicas. As percepções de riscos ocupacionais demonstram a consciência dos trabalhadores sobre os efeitos negativos ou perigos que possam ocorrer. Ressalta-se que a percepção do risco influencia o comportamento e o grau de precaução das ações do trabalhador rural frente a situações que possam ocasionar lesão e/ou acidentes (FISCHER, 2002; MENDES, 2005; ARAUJO et al, 2013, INCA, 2014).

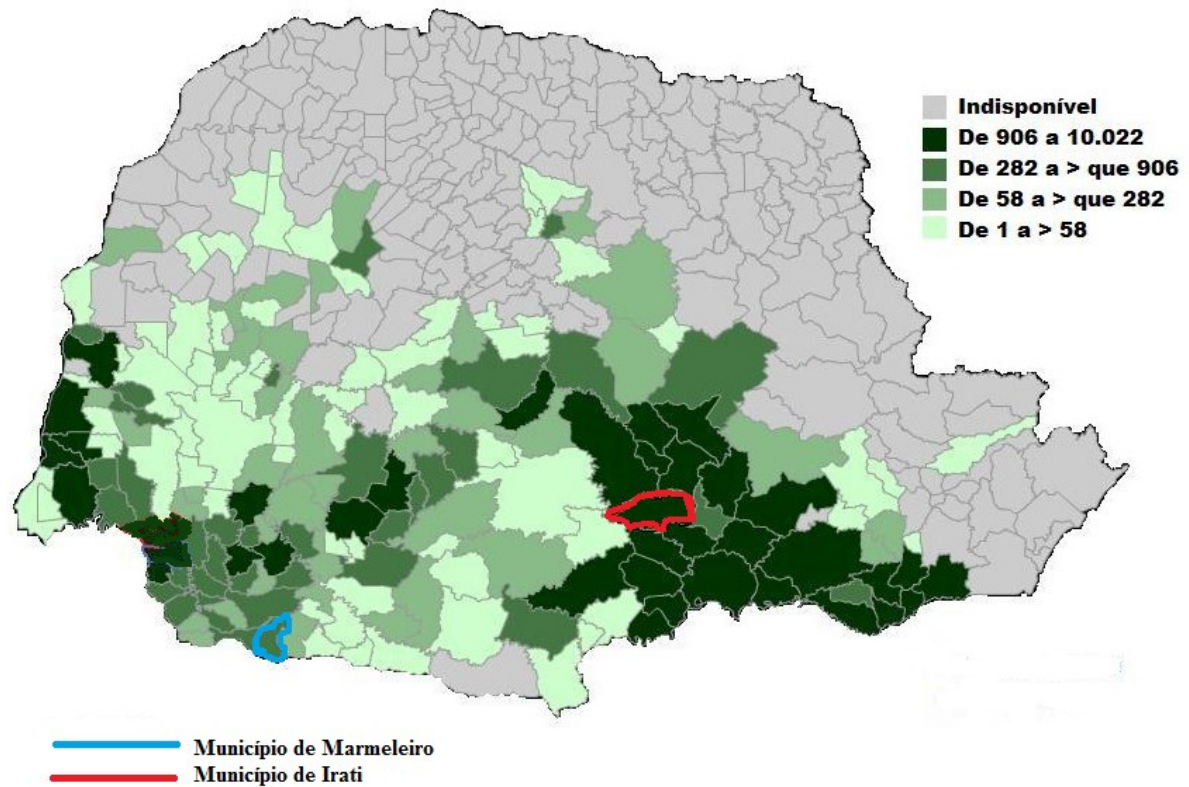
Partindo de uma constatação geral de que a intensificação da fumicultura e as formas de cultivo aumentam os riscos à saúde dos trabalhadores e incide em doenças ocupacionais, a presente pesquisa teve como objetivo conhecer os riscos percebidos pelos trabalhadores rurais das comunidades de Itaíba (Marmeleiro/PR) e Volta Grande (Irati/PR) na atividade de fumicultura.

Estratégia para apreender a percepção dos agricultores

Pela natureza do objeto de pesquisa seguiu-se a abordagem qualitativa para sua condução (MYNAIO, 2010). Participaram do estudo a comunidade de Itaíba (Marmeleiro/PR), que realiza o plantio de tabaco do tipo Burley, e Volta Grande (Irati/PR), onde utiliza-se o plantio do tabaco do tipo Virginia, configurando, assim, modos diferentes de manejo e, conseqüentemente, de exposição do trabalhador a determinados fatores de risco. Buscou-se essa condução metodológica tendo em vista o interesse de compreender os riscos em perspectivas produtivas diferentes de uma mesma cultura.

A **Figura 1** demonstra a concentração da produção de tabaco no Paraná em toneladas. Destaque para as regiões em estudo nessa pesquisa, a região sudoeste com a comunidade de Itaíba no município de Marmeleiro em destaque (azul) e, na região oeste, a comunidade de Volta Grande no município de Irati (vermelho).

Figura 1 – Concentração de produção de tabaco em toneladas



Fonte: IBGE (2010, adaptação dos autores, 2016).

Localizada na região Sudoeste do Paraná, no município de Marmeleiro, na comunidade de Itaíba, atualmente, vivem 44 famílias, sendo que 29 famílias trabalham com cultivo do tabaco e produção do leite, também denominados como “fumicultores”; e 15 famílias trabalham com soja, milho, trigo, frutas e leite, sendo denominados como “não fumicultores” (CUNICO, 2013, p.23).

Localizada na região centro-sul do Paraná, no município de Irati, a comunidade Volta Grande possui 41 famílias desenvolvendo diversas atividades, como: leite, tabaco e grãos, além do autoconsumo (CUNICO, 2013, p. 24).

A fase de coleta de dados teve início após o contato inicial com as comunidades e ocorreu no período de março a agosto de 2012. As entrevistas foram agendadas ao término do contato prévio com as famílias e os fumicultores estabeleceram as datas e horários de acordo com a rotina em cada propriedade. Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, sendo que todos os participantes da pesquisa optaram pela realização da mesma na propriedade, alguns em sua residência, outros no próprio local de trabalho.

A exploratória da pesquisa compreendeu o reconhecimento inicial da situação local, baseada em observação de características do ambiente, relações sociais, e possibilidade de participação na pesquisa dos fumicultores selecionados. Nesta etapa foi realizada uma entrevista aberta como pré-teste com informantes-chave identificados dentre a população local, com o objetivo de subsidiar a definição de categorias analíticas e necessidade de adaptação da entrevista semiestruturada (LAKATOS, 2010, p. 153; MYNAIO, 2010).

Foram definidos critérios para a seleção dos informantes-chave: possibilidade de participação na pesquisa; produtividade de tabaco; participação na pesquisa de qualidade de vida já realizada pelo grupo de pesquisa na fumicultura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Buscou-se como prioridade para entrevista a condição de ser trabalhador direto da fumicultura e, assim, obteve-se a população de 18 trabalhadores, sendo oito da comunidade de Itaíba/Marmeleiro e dez da comunidade de Volta Grande/Irati.

As entrevistas, realizadas individualmente em ambiente reservado, foram gravadas, sendo transcritas na íntegra pelo entrevistador. Para preservar o anonimato dos agricultores, seus extratos de falas foram identificados por código composto pela letra “F” (Fumicultor), seguida de números arábicos (F1, F2, ... F18). Os discursos referentes à sequência do F1 ao F8 correspondem às entrevistas realizadas com os indivíduos da comunidade de Itaíba/ Marmeleiro e a sequência do F9 ao F18 as entrevistas realizadas na comunidade de Volta Grande/Irati.

Para análise das entrevistas utilizaram-se categorias de conteúdo a partir da classificação de riscos ocupacionais do MTE, identificando as possíveis recorrências e significados numa perspectiva interpretativa. (BRASIL, 2016; MYNAIO, 2010)

Riscos ocupacionais percebidos no plantio de tabaco do tipo Burley: vivências da comunidade de Itaíba (Marmeleiro/PR)

Na comunidade de Itaíba (Marmeleiro/PR) foram entrevistados oito moradores com idade mínima de 27 anos e máxima de 68 anos, sendo quatro mulheres e quatro homens, prevalecendo a faixa etária de 48 a 56 anos.

O tempo médio de trabalho na agricultura no período da coleta de dado foi de 32 anos e o tempo médio de trabalho com a fumicultura de 16 anos. Estudos realizados por Fiori et al (2016, p. 3-5) demonstram que quanto maior o tempo de trabalho com o fumo, mais ocorre o aumento à exposição de pesticidas e ao risco de fumar.

Ainda neste estudo, Fiori et al (2016, p.7) argumenta que:

A associação entre tempo de trabalho na fumicultura e tabagismo pode estar relacionada à naturalização de comportamentos de risco ao longo

do tempo, ao aprendizado de estratégias para combater os sintomas de abstinência e da doença da folha verde ou, ainda, ser um efeito residual de idade (FIORI et al, 2016, p.7).

Dentre os entrevistados, cinco referiram ser tabagistas, aspecto levado em consideração, tendo em vista que o fumo interfere nos níveis de intoxicações pela nicotina, bem como na intensidade de sintomas apresentados, principalmente na fase da colheita do tabaco (OLIVEIRA, 2010, p.2263; RIQUINHO, 2014, p. 1589; INCA, 2014).

Referente à escolaridade constatou-se a média de 5,25 anos de estudo entre os entrevistados, vale considerar a perspectiva das capacidades relacionadas aos condicionantes determinados por Sen (2000, p.120), ao ressaltar que as pessoas que sofrem com a carência de alimentos, educação, saúde e moradia, vivem com privações de capacidades e de alcançar as liberdades fundamentais que desejam ou de que necessitam.

Quando ao acesso à saúde, a maioria (80%) dos fumicultores mencionou que raramente busca por atendimento, especialmente por considerar a demora no atendimento na Unidade Básica de Saúde.

Para o desenvolvimento de Políticas Públicas Locais com enfoque na relação entre o uso do agrotóxico, a saúde da população rural e do ambiente, em municípios produtores de tabaco do Sul do Brasil, evidenciou-se no estudo realizado por Santos et al (2015, p.222) o desafio na implementação de políticas de saúde voltadas ao enfrentamento das realidades locais onde existe a dificuldade de planejar ações a partir da realidade do cotidiano de vida e trabalho da população rural. Os autores relatam que as ações de saúde, quando efetivas, são direcionadas aos agravos de caráter agudo relacionados ao trabalho com o fumo, a exemplo da Doença da Folha Verde do Tabaco.

Referente aos aspectos da percepção de risco, ao analisar o discurso dos fumicultores da comunidade de Itaíba, constatou-se que o risco é negado inicialmente frente ao processo de trabalho na fumicultura, porém, é percebido e evidenciado nos discursos, mesmo que nem sempre relacionado ao trabalho. Os fatos são relatados de forma isolada, sem a reflexão do fumicultor sobre a sua origem e causalidade, os riscos e sintomas são geralmente atribuídos a tarefas isoladas em relação à atividade laboral. Alguns discursos apresentam o risco referente ao uso de agrotóxico como o mais evidente no processo produtivo, mas essa evidência demonstra-se sempre ao longo do discurso, após a negação inicial da presença de riscos ocupacionais:

“Não, isso não. A gente se cuida.” (F6) (questionado sobre riscos no trabalho).

“Não, a respeito do fumo ainda não. Mas com certeza que sei lá, né? Mais cedo ou mais tarde vai acabar vindo as consequências.” (F1)

“... por que é um produto muito tóxico é muito perigoso o veneno para quem usa, principalmente o veneno do broto, é um veneno tóxico barbaridade. Pode colocar máscara que mesmo assim ele intoxica a pessoa.” (F6)

Para Ascari, Scheid e Kessler (2012, p.46) e Da Silva (2013, p.349), a falta de informação e conhecimento sobre os riscos aos quais os trabalhadores rurais estão expostos pode ter como agravante a pouca escolaridade desses sujeitos. A exposição aos agrotóxicos ao longo da vida também pode contribuir para a redução da percepção de vulnerabilidade individual, como mostram estudos recentes (FIORI et al, 2016, p.7).

A partir de uma negação inicial do risco ocupacional, ocorre o relato da percepção sobre estes riscos pelos entrevistados, evidenciando também as fases do processo de trabalho e sua relação constante com os agrotóxicos:

“O fumo você sabe é uma corrente, do começo ao fim é tudo risco para a saúde, porque desde a muda no canteiro, ali dentro das piscinas, da estufa para preparar a muda, desde ali já tem que estar pondo a mão em agrotóxico, tudo é veneno. Até porque vem piolho e come a muda. A mudinha pequeninha “assim” tem que pulverizar, fazer um monte de coisa, é tudo com veneno. Então você está criando uma coisa que precisa de veneno do princípio ao fim. Por que se não por veneno as pragas destroem tudo. Vai ficar uma muda feia, uma muda fraca e não vai desenvolver igual as outras. Então é uma sequência de veneno do começo até o final. Ai quando você vai para o galpão, para de baixo do galpão para “despencar, amontoar” também há um cheiro de fumo muito forte.” (F1)

Da Silva et al (2013, p. 352) identifica em seu estudo o adoecimento dos fumicultores decorrente da intoxicação por agrotóxicos durante o plantio e a colheita do fumo, através de sintomas como mal-estar, fraqueza, náuseas e vômitos.

Entretanto, a maioria dos discursos revelam que os fumicultores dificilmente relacionam os riscos ocupacionais e suas implicações na saúde, como revelam os relatos:

“Graças a Deus até agora não. Me atacou um pouco esses dias, não sei se é o pulmão, por causa que eu tomei uma chuva lá na roça meio suado, daí me deu um tipo uma tosse, um tipo uma dor.” (F1)

“Eu não, eu... fazem 10 anos que passo veneno ali e entro dentro do galpão é difícil dizer que eu fiquei ruim mesmo, pode dar um abatezinho assim, mas é muita pouca coisa. O que mais passa veneno aqui em casa

sou eu.” (F2) (quando questionado sobre o risco relacionado ao uso de agrotóxico)

“Ah não, não. Isso o que pode dar às vezes é a comida que eu como, mas para mim não é do fumo não. Tem dias que não posso comer tal comida, tem dias que não desce.” (F2)

Na análise foi possível constatar um relato de intoxicação, diagnosticado, em que o fumicultor relata a intoxicação de um familiar (filho):

“Foi uma intoxicação, depois que o doutor deu sinal, que deu a volta. Trocou os remédios de um médico, trocou tudo, ai ele foi reagindo, mas foi tempo” (F1)

As intoxicações na fumicultura são frequentes, tanto relacionadas aos agrotóxicos quanto a Doença da Folha Verde do Tabaco (HEEMANN, 2009, p. 50; OLIVEIRA, 2010, p. 2266; RIQUINHO, 2014, p. 1589; YAMADA, 2012, p.42).

O discurso dos indivíduos desta comunidade descreve todas as fases do processo produtivo. Em específico no cultivo do tabaco tipo Burley ocorre a secagem em galpões, em que o tabaco é pendurado, manualmente, a uma altura de quatro a cinco metros. Evidenciaram-se os riscos de acidentes ergonômicos nesta fase e há relatos que se referem às dificuldades enfrentadas pelos fumicultores: “Já cai pendurando fumo e me machuquei.” (F2)

A sobrecarga de trabalho foi identificada em todos os discursos, evidenciando que se intensifica em horas trabalhadas nos períodos de colheita e secagem:

“... 8 horas, de 8 a 10 horas, depende, porque a gente aqui no interior, a gente não vai por hora, a gente vai pelo sol. Daí quando é horário de verão escurece mais tarde, né!? Nossa jornada de trabalho é bastante grande. Mais na época de plantio e de colheita, que é o trabalho mais intenso, o plantio tem que ser na chuva, não pode ter sol para plantar. Então o dia que chove você tem que aproveitar o máximo possível. ” (F3)

“De manhã, lá pelas 7, 7 e pouco. E paro à tarde, lá pelas 19 horas. Quase 12 horas por dia. Paro às 11:30 e volto as 13:30.” (F2)

“Olha tem dias que não tem hora para começar e não tem hora para parar, principalmente na colheita.” (F7)

Quando questionado sobre existir algum risco, o fumicultor relata que não, porém, refere problema de saúde, com o fato dos sintomas referentes a esse problema se agravarem devido as fases do processo produtivo:

“Não, a gente usa capa, a gente não se molha nada. Daí a gente usa tudo, se protege, coloca bota, capa de chuva, tudo... Não tem risco.” (F3)

“Eu tenho um problema, um nódulo no seio, que eu não posso tirar, daí pra eu erguer muito peso me machuca. Quando é época de colher que daí é mais pesado. Tem uma carga mais excessiva de peso. Ergo fardos e faço tudo, o que ele faz eu faço.” (F3)

Sobre a fase da colheita, os fumicultores referem passar mal, e sintomas claros de intoxicação por nicotina são evidenciados nos discursos, porém, nem sempre são relacionados ao próprio trabalho:

“O mais é além de tu colher o fumo murcho e tu botar em cima do carretão e esquentar, isso pode ser o risco maior, por que ele “fermenta” e vira um produto tóxico, mais forte do que um cheiro de veneno.” (F2)

“Na colheita e na secagem que tem um cheiro forte. Ai quando chega de tardezinho começa a dar um mal estar.” (F7)

“O cara sente uma agonia. Parece que está morrendo, falta fôlego. Daí tem que deixar do lado e sair. Falta ar e dá uma sensação ruim. É o mesmo que tu deixar o fumo aqui e molhar ele, tem uma (...) ruim dentro. Quando está seco tu não sente nada” (F2)

A tentativa de utilização de equipamentos de produção individual é identificada nos discursos, porém, os fumicultores revelam dificuldade de adaptação a estes equipamentos no trabalho agrícola. Percebe-se, também, que os fumicultores desenvolvem alguns mecanismos de defesa para minimizar os riscos. Neste momento se evidenciou nos discursos o risco, não como um fator do processo de trabalho, mas, sim, como consequência da falta de “cuidado” individual do trabalhador:

“Tem, tem os macacões, mas eu não consigo usar, dá uma agonia e a gente quase morre lá dentro, debaixo do sol quente...” (F2)

“E sempre passo o veneno ao contrário do vento, nunca a favor...” (F2)

“Às vezes tem que usar os equipamentos para passar veneno, na roça ele usa máscara, luva, chapéu. Só que o problema é o cheiro do veneno. Mesmo com a máscara a gente sente o cheiro, o veneno tem a faixa vermelha.” (F5)

Da Silva (2013, p.352) relata em seu estudo que os EPIs (equipamentos de proteção individual) não possuem boa aceitação pelos fumicultores, sendo que grande parte

não faz uso de, pelo menos, um dos EPI, principalmente por considerá-los desconfortáveis. Aponta a necessidade de capacitações para o uso dos equipamentos, como estratégia para prevenção das intoxicações crônicas.

O enfermeiro inserido no Programa de Estratégia de Saúde da Família seria o profissional indicado para atuar nesse processo educativo, com o intuito de prevenir e promover a saúde desse trabalhador. Silva (2015, p.222) corrobora com a relevância da atuação dos profissionais de saúde na promoção de ações de educação e promoção da saúde.

Relatos relacionados a ergonomia também se fazem presentes nos discursos, porém, o problema detectado nem sempre é percebido pelo fumicultor, bem como a sua relação com o processo de trabalho no tabaco. (HEEMANN, 2009, p. 33; OLIVEIRA, 2010, p. 2264; RIQUELMO, 2014, p. 1589).

“Eu, praticamente, não trabalho muito, mais é meu marido. Eu por causa do meu problema de coluna não posso ajudar muito. Mais é ele que trabalha, porém não se queixa de nada que prejudique.” (F4)

“Olha, eu não ergo, lá eu somente ajudo a espetar. No começo eu ajudava bastante, mas agora não posso ficar abaixando e levantando. Estou com um processo no INSS, fazem mais de 60 dias que estou somente dentro de casa, porque tenho sentido muita dor ultimamente.” (F4) (referindo-se ao processo de trabalho no Galpão).

Evidenciou-se que apesar de serem comuns os problemas na coluna vertebral, que limitam e até mesmo impedem o trabalho físico pesado, os trabalhadores se esforçam para se manter na fumicultura.

Autores lembram que o ciclo produtivo do tabaco apresenta uma diferenciação entre gênero e idade, o trabalho dos homens é diferente das mulheres, e as mulheres e crianças maiores estão mais próximos nas tarefas e participam de quase todas as atividades, inclusive da derrubada da lenha, necessária para manutenção das estufas durante a secagem. Arar, manutenção de temperatura constante na estufa à noite e passar veneno nas plantas são, em geral, atividades consideradas masculinas. Ainda na divisão social dos serviços, o amarrar as folhas, classificá-las e fazer os pequenos molhos contam com a presença das mulheres, crianças e idosos (HEEMANN, 2009, pg. 27-41; OLIVEIRA, 2010, pg. 2266; RIQUELMO, 2014, p. 1589; YAMADA, 2012, p.82).

Na análise percebeu-se esta diferenciação, em que normalmente as atividades relacionadas ao trabalho com o agrotóxico e as estufas está direcionado ao sexo masculino, enquanto que as demais contam com a participação de mulheres e jovens e crianças.

Riscos ocupacionais percebidos no plantio de tabaco do tipo Virginia: vivências da comunidade de Volta Grande/Irati (PR)

No estudo das comunidades em Volta Grande (Irati/PR) foram entrevistados dez moradores com idade mínima de 29 anos e máxima de 56, sendo seis homens e quatro mulheres. O tempo médio de trabalho na agricultura foi de 36 anos e o tempo médio de trabalho na fumicultura de 19 anos. Dentre os dez indivíduos, seis referiram ser tabagistas. Referente à escolaridade constatou-se a média de 4,5 anos de estudo.

Ao analisar o discurso dos fumicultores, constatou-se que o risco é percebido, porém nem sempre relacionado ao trabalho. Os fatos são relatados de forma isolada, sem a reflexão do fumicultor sobre a sua origem e causalidade, sendo os riscos e sintomas geralmente atribuídos a tarefas isoladas do seu cotidiano ou a fatores biológicos. Além disso, destacamos a observação nos relatos de distúrbios musculoesqueléticos (MEUCCI, 2013):

“... faço tratamento de coluna. Tomo medicamentos direto, faz tempo. Tomo cálcio e medicamentos pra dor. Tenho desgaste da coluna, bico de papagaio e agora estou com um problema no pescoço...” (F14)

“Riscos tem vários, mas nos protegemos. O pior é o veneno. Usamos os EPIs na época de passar veneno. Máscara, calça, camisa, tudo... passamos 4 vezes o veneno de setembro a outubro. Passamos para o mato, depois para os bichos e depois que corta o cacho.” (F9)

“Eu, para mim não faz mal nenhum, pior é para eles que faz mal. Pra mulher que passa mal na hora da colheita.” (F12)

“Tenho problemas dos olhos, o médico vai marcar exame para ver se queimou a córnea. Tem que fazer o exame para ver se tem que operar.” (F10) (referindo-se ao agrotóxico).

Quando questionado sobre a percepção de riscos à saúde relacionados à sua atividade laboral na fumicultura, o indivíduo afirma que:

“Tenho problema de hérnia de disco, de forçar, não sei. Uns falam que é de trabalhar na lavoura, mas outros trabalham em banco e tem problemas de hérnia de disco...” (F15)

Relatam o risco a que estão expostos, bem como seus familiares. Entretanto, percebemos que inicialmente no discurso tende a ocorrer a negação dos mesmos,

sendo que esta comunidade planta quase que exclusivamente o tabaco. Também há relatos de intoxicação relacionada à colheita do tabaco.

“Ah! Não percebo muito risco, usa-se bem menos agrotóxico do que antes...” (F14)

“Eu, para mim não faz mal nenhum, pior é para eles que faz mal. Para mulher que passa mal na hora da colheita” (F12)

“Comigo nunca aconteceu nada é só com ele que aconteceu umas quatro vezes”. (F10) (pai referindo-se ao filho que trabalha junto)

“... Não é. Uma vez eu queimei o dedo...” (F10) (refere-se sobre não haver dificuldade no manejo da estufa).

Dentre os discursos, chama a atenção o relato de uma fumicultora que se refere ao marido, fumicultor há mais de 30 anos, como portador de deficiência visual devido ao uso de agrotóxico. Segundo a entrevistada, o laudo médico descreve problemas relacionados à córnea e aos agrotóxicos, relatando as aplicações constantes no cultivo do tabaco.

Para Mendes (2005, p. 1721), as condições de risco existem e são mantidas porque o convívio frequente com elas, ao longo do tempo, incorpora-as à normalidade das tarefas laborais, entretanto, as pessoas deveriam saber sobre as situações que constituem risco. Muitas vezes os trabalhadores envolvidos com as condições ou fatores de risco não tem a real percepção da existência dos mesmos ou não sabem que aquela situação constituiu risco potencial para a integridade física ou mental dos trabalhadores.

Dentre os discursos, um fumicultor evidenciou a percepção sobre o risco:

“Tem bastante, plantamos o fumo porque ele dá um dinheiro a mais, porém ele é bem complicado, passamos mal na época da colheita.” (F16)

A percepção distorcida do risco ocupacional é preocupante quanto ao contexto da conscientização do uso de EPI. Conforme Mauro (2008, p. 67), o trabalhador não se protege das consequências da sua atividade laboral quando não está consciente dos riscos a que está exposto.

Entretanto, quanto ao risco químico por agrotóxico, a maioria (80% dos entrevistados) relaciona-o diretamente ao seu trabalho:

“[...] os venenos que acabamos usando sempre tem risco. Temos que estar tomando cuidado para diminuir, pelo menos”. (F12)

“Eu passo agrotóxico, sinto dor de cabeça às vezes, se o veneno for muito forte quase sempre sinto dor de cabeça.” (F10)

“Por que é muito agrotóxico, tem que ter muito cuidado com isso aqui” (F16)

Dentre os sintomas relacionados à saúde relatados e aos riscos percebidos pelos indivíduos, percebeu-se uma relação direta com os agrotóxicos nos discursos. Porém, vale lembrar que o risco ocupacional na fumicultura não se dá apenas pelo agrotóxico, mas também pela absorção da nicotina, o que caracteriza uma doença ocupacional conhecida como a doença da folha verde do tabaco. Em todos os discursos foram encontrados dados referentes aos sintomas relacionados a esta doença ocupacional, principalmente na fase da colheita do tabaco:

“Quando eu colhia, às vezes dava tontura. Quando não sabíamos que se tivesse orvalho teria que usar roupas próprias e nós não usávamos, então passávamos mal, depois que começamos a usar, não...” (F15) (refere como causa do mal-estar o agrotóxico)

“... é bem complicado, passamos mal na época da colheita... não dormimos bem à noite, não temos dores no corpo, mas ficamos agitados, não conseguimos dormir. Pior, quando dá, vomito bastante.” (F16)

“Sim, da fumicultura o prejudicial mesmo é a colheita. Que vamos no molhado, esteja chovendo ou não.” (F16)

Oliveira et al (2010, p. 2263) relata que a absorção dérmica da nicotina por agricultores que trabalham com o cultivo do tabaco provoca uma intoxicação aguda denominada doença da folha verde do tabaco.

Dentre os sintomas evidenciados, Heemann (2009, p. 50) e Oliveira (2010, p. 2266) relatam que náuseas, vômito, dor de cabeça, tontura e sensação de fraqueza são evidenciados. O diagnóstico é baseado na história clínica de relato de sintomas, exposição ao tabaco e elevados níveis de nicotina presentes no sangue, saliva ou urina:

“Ano passado já começou a me fazer mal o fumo, me dá ânsia, dores de cabeça, e não durmo de tipo nenhum. Fico agitado, sei lá se durmo, no outro dia amanheço sem sono, trabalho o dia inteiro de novo. Dá tremedeira no corpo” (F17)

A organização do trabalho refere-se a uma classificação de risco ocupacional relacionado ao estresse e a saúde mental do indivíduo. Esse aspecto também é evidenciado no discurso dos indivíduos referentes a fumicultura, quando o

fumicultor refere-se a contratos abusivos das empresas fumegeiras (BRASIL, 2001; MENDES, 2005, p. 811).

“É um roubo! Você trabalha o ano inteiro e daí com cinco minutos você perde a safra inteira, eles te tiram. O que é para ser um preço eles pagam 40% a menos. Temos contrato, mas eles só querem que a gente cumpra para entregar a quantia, mas não cumprem o preço. Alegam que não podem pagar mais. Se não está bom leva embora. Ali que sobe a pressão, volto atacado dos nervos. Passa o ano e não conseguimos honrar os compromissos que temos e eles cada vez mais ricos”. (F17)

A percepção dos riscos ocupacionais entre os entrevistados

Nesta análise foram caracterizados e classificados os riscos ocupacionais a partir do discurso dos fumicultores, baseado nas categorias de riscos ocupacionais relacionados ao trabalho na agricultura, segundo Heemann (2009, p.33) e Ministério do Trabalho - Norma Regulamentadora – NR 9 – Riscos ambientais – Brasil (1994, p.6).

Quadro 1 - Classificação dos Riscos Ocupacionais identificados nos discursos – Comunidade de Iratí e Volta Grande.

Risco	Fator de risco identificado
Físico	Frio, vento, chuva, calor, raios (descarga elétrica), vibração, ruídos, radiação solar: F1, F2, F4, F8, F9, F11, F12
Químico	Agentes químicos diversos, fertilizantes e adubos, agrotóxicos, na forma de gases, poeiras, névoas: F12. Refere mal estar com o fumo: F1, F2, F3, F4, F6, F7, F8, F15, F16, F17. Refere sintomas de intoxicação quando utiliza agrotóxicos: F7, F10, F12, F15, F16. Refere intoxicação devido ao agrotóxico: F1, F2, F4, F7, F8, F9. Aplicação de agrotóxicos e absorção de nicotina: F11 e F12. Refere sintomas por intoxicação de nicotina na colheita. F9, F10, F11, F12, F16, F18.
Biológico	Bactérias, vírus, fungos, ácaros, picadas de animais peçonhentos:

	F1, F11, F12.
Mecânico	Ferramentas manuais cortantes, pesadas, pontiagudas. Máquinas e implementos agrícolas: F1, F2, F9, F12.
Ergonômico	Fatores fisiológicos e/ou psicológicos inerentes à execução da atividade: F1, F2, F5, F4, F9, F11, F12, F16
Organização do trabalho	Relações de trabalho, precarização, sazonalidade da produção que impõem sobrecarga de trabalho: F2, F3, F6, F7, F12, F16, F17

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

Evidencia-se no **Quadro 1** que as condições de risco existem e são mantidas porque o convívio frequente com elas, ao longo do tempo, incorpora-as à normalidade das tarefas laborais, mas os indivíduos deveriam ser informados sobre as situações que constituem risco. Os fumicultores envolvidos com as condições ou fatores de risco, aparentemente, não têm a real percepção da existência dos mesmos ou não sabem que aquela situação constituiu risco potencial a sua integridade física ou mental relacionado à atividade laboral que desenvolve.

Quando analisados os sinais e sintomas relatados pelos fumicultores nos discursos, percebe-se a ligação direta com o processo de trabalho. Os sintomas em maior evidência são os relacionados à etapa da colheita do tabaco. São evidenciados sintomas da doença ocupacional da folha verde do tabaco a partir da constatação dos sintomas descritos pelos indivíduos. Vale lembrar que o diagnóstico final desta doença ocupacional requer também exames para dosagem de cotinina.

Referente ao uso de agrotóxico vale lembrar que, segundo Heemann (2009, p.37), o contato direto com este produto pode provocar irritação da conjuntiva, das pálpebras e ulceração da córnea, com risco de perda da visão devido à ação nociva da poeira do produto. Pode provocar ainda dermatites de contato irritativas e dermatites alérgicas, sintomas também evidenciados nos discursos.

Quadro 2 – Sinais e Sintomas Identificados na Comunidade de Itaíba.

Sinais e sintomas identificados nos discursos – Itaíba

Náuseas e vômito relacionado ao manejo com agrotóxico
Dor epigástrica relacionada ao manejo com agrotóxico
Vômito relacionado à colheita
Náuseas relacionadas à colheita
Insônia relacionada ao período da colheita
Insônia relacionada ao trabalho em galpão
Lombalgia
Cefaleia relacionada ao período de aplicação de agrotóxico
Cefaleia relacionada ao período de colheita
Mal estar geral
Estresse causado pela entrega do produto
Estresse causado pela chuva devido ao atraso da colheita
Inapetência no manejo do agrotóxico
Agitação durante o período de colheita

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

O sistema produtivo na comunidade de Itaíba trabalha com o tabaco tipo Burley. Neste sistema de produção são necessárias colheita, cura, e, em galpões abertos, a secagem. Na colheita, os trabalhadores têm contato com a folha do fumo e relatam sintomas relacionados com a doença da folha verde do tabaco e intoxicação por agrotóxicos, além de comprometimento ergonômico relacionado à colheita (HEEMANN, 2009, pg.27-41; LIMA, 2006, p.15; OLIVEIRA et al, 2010, p.2266).

Quadro 3 – Sinais e Sintomas Identificados na Comunidade de Volta Grande.

Sinais e sintomas identificados nos discursos – Volta Grande
Insônia relacionada ao trabalho na estufa

Insônia relacionada ao período de colheita
Dispneia
Lombalgia
Dor em membros inferiores
Náuseas relacionadas à colheita
Vômito relacionado à colheita
Tremores em MMSS a colheita
Cefaleia relacionada ao período de aplicação de agrotóxico
Cefaleia relacionada ao período de colheita
Dificuldade visual
Deficiência visual progressiva
Queimaduras causadas pelo sol
Estresse causado pela chuva devido ao atraso da colheita
Agitação durante o período de colheita
Alergia no manejo do agrotóxico
Dermatite no manejo do agrotóxico

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

O sistema produtivo nesta comunidade trabalha com o tabaco tipo Virgínea. Neste sistema de produção é necessário o uso de estufa para secagem da colheita. Porém, este é um item que aumenta os riscos relacionados ao trabalho. O trabalho com a estufa incide em trabalho noturno, distúrbios do sono, risco de acidentes como queimaduras, e exposição do trabalhador a ambientes precários para manutenção da temperatura constante da estufa. Percebemos neste sistema produtivo um aumento na queixa de sinais e sintomas relacionados a intoxicações e a doença da folha verde do tabaco (HEEMANN, 2009, p.27-36; OLIVEIRA et al, 2010, p. 2268).

Dentre os sintomas evidenciados, Heemann (2009, p.64), Oliveira (2010, p.2266) e Riquinho (2012, p.1588) relatam que náuseas, vômito, dor de cabeça, tontura e sensação de fraqueza são evidenciados. O diagnóstico é baseado na história clínica de relato de sintomas, exposição ao tabaco e elevados níveis de nicotina presentes no sangue, saliva ou urina. Nestes exames, a cotinina é o principal metabólito da nicotina e é mensurado e utilizado como uma medida de exposição à nicotina.

A manutenção da temperatura da estufa é à lenha. A produção da lenha é realizada pelo fumicultor no período que antecede a colheita. A estufa deve permanecer uma média de 90 dias para secagem de todo o tabaco produzido. Neste período, um trabalhador repousa geralmente próximo a estufa e a cada duas horas é acionado um alarme para reposição da lenha e manutenção da temperatura.

“Tem que ficar cuidando, meu marido é quem cuida. Tem que ficar cuidando de hora em hora, inclusive à noite. Começa a colheita, vamos dizer assim 15 de dezembro e vai até 15 de março, são 3 meses que temos que cuidar de hora em hora enquanto fica acesa.” (F16)

Neste período identificou-se na visita as famílias camas improvisadas ao lado da porta das estufas, muitas vezes ao ar livre, para a manutenção da temperatura constante necessária à secagem.

A Convenção Quadro para o controle do tabaco – não apenas pelo objetivo de reduzir o consumo do tabaco em nível mundial por levar em consideração todos os efeitos nocivos à saúde, mas também por considerar a produção de tabaco um trabalho cercado de riscos e ainda com a presença de doença ocupacional específica – propõe a diversificação aos produtores de tabaco como estratégia de alternativa à cultura do tabaco como instrumento de enfrentamento e sobrevivência futura frente a medidas que serão adotadas gradativamente, referentes às restrições de consumo (PERONDI, SCHNEIDER e BONATO, 2008, p. 3; YAMADA, 2012, p.48; OMS-CQCT, 2003).

No estudo, percebe-se que tal medida é favorável não apenas por propor alternativas à cultura do tabaco, frente a uma restrição relacionada ao consumo, mas também por constatarmos a fumicultura como um trabalho cercado de riscos ao trabalhador.

Referente ainda a fase da produção relacionada ao consumo de lenha, essencial para manter a temperatura, no período que antecede a colheita o fumicultor já deve fazer todo o corte da lenha. O seguinte discurso demonstra a exaustiva jornada de trabalho que se segue:

“Nós fazemos o corte da lenha. Eu corto a bracatinga em metro já. Levo uns quinze dias cortando lenha. Trabalhamos o ano inteiro. E na colheita não tem natal, ano novo, sábado, domingo, trabalhamos até no dia de chuva. Nunca saímos de casa. Não tem como, tem que trabalhar e trabalhar [...]” (F17)

Sobre a divisão do trabalho, o ciclo produtivo do tabaco apresenta diferenciação entre o trabalho de homens e mulheres, as mulheres e crianças maiores participam

de quase todas as atividades, inclusive da derrubada da lenha, necessária para manutenção das estufas durante a secagem. Arar, manutenção de temperatura constante na estufa à noite e passar veneno nas plantas são, em geral, atividades consideradas masculinas. Ainda nos serviços, como amarrar as folhas, classificá-las e fazer os pequenos molhos, há presença das mulheres, crianças e idosos (HEEMANN, 2009, p.41). Na análise percebeu-se esta diferenciação, sendo as atividades relacionadas ao trabalho com o agrotóxico e as estufas direcionadas ao sexo masculino, enquanto que as demais contam com a participação de mulheres, jovens e crianças.

O que se pode apreender sobre o risco ocupacional da fumicultura

Este estudo buscou no trabalhador o “conhecer” do risco na fumicultura, e, nesta corrente, a que o próprio trabalhador se refere, ele configura-se como o elo mais frágil:

“O fumo, você sabe, é uma corrente, do começo ao fim é tudo risco para a saúde” (F1).

O ciclo produtivo do tabaco demonstra-se intenso e sistemático, o processo tem início com a produção das mudas e o término com a colheita e secagem. Tais fases se estendem ao longo do ano. Após esta fase inicial, o fumicultor inicia o processo de preparar o tabaco para a venda (processos de secagem, pré-classificação e enfardamento). Ao término deste processo o fumicultor deve organizar-se para a próxima safra, preparando a lenha, as instalações e o preparo da terra para início de um novo ciclo produtivo.

Assim, evidencia-se a intensa atividade laboral que envolve toda a família, relatada como um trabalho extremamente desgastante. Os impactos da fumicultura estão além do risco ocupacional, visto que os discursos dos trabalhadores apontam também para questões relacionadas ao desenvolvimento humano. Os problemas relacionados ao acesso a saúde e educação são evidenciados nas comunidades em estudo, com relevância na comunidade de Volta Grande, em Irati.

A partir do objetivo deste estudo de conhecer a percepção dos riscos ocupacionais dos fumicultores nas comunidades de Itaíba (Marmeleiro) e Volta Grande (Irati), constatou-se que estes demonstram perceber o risco, porém, nem sempre relacionado ao trabalho. Os fatos são relatados de forma isolada, sem a reflexão do fumicultor sobre a causalidade, sendo que os riscos e sintomas são geralmente atribuídos a tarefas isoladas do seu cotidiano ou a fatores biológicos.

Assim, as condições de risco existem e são mantidas porque o convívio frequente com elas, ao longo do tempo, incorpora-as a normalidade das tarefas laborais, entretanto, os indivíduos deveriam ser informados sobre as situações que constituem risco. Os fumicultores envolvidos com as condições ou fatores de risco não têm, muitas vezes, a real percepção da existência dos mesmos ou não sabem que aquela situação constituiu risco potencial a integridade física ou mental relacionado à sua atividade laboral.

Percebe-se que a responsabilidade das contaminações por agrotóxicos, a exposição aos riscos e o desenvolvimento de doenças relacionadas ao trabalho no sistema da fumicultura é atribuída ao próprio fumicultor, pela utilização inadequada ou falta de proteção no uso de EPIs, responsabilidade esta cabível as empresas e ao próprio Estado, através da inexistência de ações relacionadas à Saúde do Trabalhador e da Vigilância em Saúde.

Na comparação dos riscos entre a comunidade de Itaíba (fumo do tipo Burley) e da comunidade de Volta Grande (fumo do tipo Virgínea) existe uma equidade entre a maioria dos riscos, porém, no sistema produtivo do tipo Virgínea existe um maior comprometimento da saúde do trabalhador devido a forma de colheita do tabaco (relato mais incidente de sintomas relacionados a intoxicação por nicotina) e ao trabalho noturno obrigatório na estufa.

A saúde das famílias de fumicultores é sistematicamente agredida e submetida a riscos constantes em função do cultivo do tabaco. As condições de risco incluem: o uso de agrotóxicos, o contato direto com a planta úmida do tabaco, provocando sintomas relacionados à doença da folha verde do tabaco, a carga horária excessiva de trabalho, os riscos físicos e biológicos que estão expostos no trabalho no campo e a questão ergonômica percebida pelos discursos relacionados a doenças osteomusculares relatadas. Entretanto, apesar do quadro crítico que permeia os fumicultores no sistema produtivo do tabaco, observa-se a deficitária preocupação pública com a saúde deste grupo de trabalhadores. Considerando ainda o Brasil como primeiro exportador mundial de tabaco e segundo produtor mundial, as políticas que visam restringir o consumo influenciam diretamente no setor produtivo, assim, a Convenção Quadro ainda se constitui a única forma de apoio a estas famílias que, muitas vezes, dependem da fumicultura como única fonte de renda.

A cadeia produtiva do tabaco demonstra uma complexa rede que envolve e compromete os fumicultores, especialmente no que diz respeito ao seu futuro. Nesse contexto, a CQCT assume uma expressiva relevância, especialmente por estabelecer como medidas principais a proteção aos produtores de tabaco, através da promoção de alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores e produtores de tabaco.

Considerações Finais

Os resultados encontrados demonstram a necessidade de estudos sobre o tema, propiciando melhores condições na formulação de estratégias e instrumentos para promoção da saúde destes trabalhadores, considerando as particularidades desse grupo e sua representatividade no cenário nacional.

Percebe-se nos discursos dos fumicultores a ineficiência do sistema de vigilância e notificação relacionado às intoxicações presentes e constantes na fumicultura, tanto relacionadas ao agrotóxico como a nicotina.

Os sinais e sintomas relatados pelos fumicultores nos discursos têm relação direta com o processo de trabalho. Assim, identificam-se agravos à saúde decorrentes de sua atividade laboral. Os sintomas em maior evidência são os relacionados à etapa da colheita do tabaco, na qual se configuram os relacionados às intoxicações por agrotóxico e nicotina, marcadamente relacionadas com a Doença da Folha Verde do Tabaco.

Assim, a atenção à saúde dos fumicultores, com todas as suas especificidades de condições de vida, requer ações de fiscalização das condições e do ambiente de trabalho, bem como melhor atuação da vigilância em saúde.

Os achados ressaltam a relevância da atuação e fiscalização de órgãos públicos competentes e a necessidade de profissionais capacitados para ações em saúde no meio rural a partir do entendimento de que o trabalho é um direito fundamental do ser humano e de que a saúde dos trabalhadores é um bem social, garantido pelo Estado, responsável pelas ações preventivas e curativas que assistam a este indivíduo em seu contexto laboral.

Referências

ARAÚJO, J. N. G. de; GREGGIO, M. R.; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxicos: a semente plantada no corpo e na mente dos trabalhadores rurais. *Psicologia em Revista*, v. 19, n. 3, p. 389-406, 2013.

ASCARI R.A.; SCHEID M.; KESSLER M. Fumicultura e a utilização de agrotóxicos: Riscos e proteção da saúde. *Revista contexto e saúde*. 2012;12 (23): p. 41-50. 43. Acesso em 15 julho. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1840>

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços** de saúde. Brasília (DF): OPAS/OMS, 2001.

BRASIL - Ministério do Trabalho. **Norma regulamentadora 9: riscos ambientais.** Programa de prevenção de riscos ambientais. Portaria N° 25 de 29 de dezembro de 1994. Disponível em: http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BEA44A24704C6/p_19941229_25.pdf> Acesso em: 27 julho. 2016.

CUNICO M. D. **A Percepção de riscos ocupacionais pelos fumicultores das comunidades de Itaíba** (Marmeleiro / PR) e Volta Grande (Iratí / PR). (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2013.

DA SILVA, J. B. et al. Fumicultores da zona rural de Pelotas (RS), no Brasil: exposição ocupacional e a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI). **Saúde em Debate**, v. 37, n. 97, p. 347-353, 2013.

DESER (Departamento de estudos Sócio-econômicos Rurais). **Boletim maio 2016: Tabaco - As folhas da incerteza.** Disponível em: <http://www.deser.org.br/documentos/imagem/BMO.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS STATISTICS. Relatório 2013. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/search/tabaco/S> >. Acesso: 16 mai. 2016

FICHER, D.; GUIMARÃES L.B.M. **PERCEPÇÃO DE RISCO E PERIGO: UM ESTUDO QUALITATIVO.** VI Congresso Latino-Americano de Ergonomia. Recife -2002. Disponível em: <<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/arquivos/045.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

FIORI, N. S. et al. **Prevalência e fatores associados ao tabagismo em fumicultores do Sul do Brasil.** *Cad. Saúde Pública* [online]. 2016, vol.32, n.7, e00123115. Acesso em: 01 ago.2017. ISSN 1678-4464. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00123115>.

HEEMANN, F. **O cultivo do fumo e condições de saúde e segurança dos trabalhadores rurais.** Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22063/000737926.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 jun. 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa agrícola municipal.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/cervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11>> Acesso em: 12 jun. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para controle do Tabaco (CONICQ). Política Nacional de controle do tabaco: relatório de gestão e progresso 2011-2012. Rio de Janeiro: INCA, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, R. G. de. **Desenvolvimento técnico-produtivo da lavoura de tabaco na Bacia Hidrográfica do Rio Pardo/RS.** In: ETGES, V. F.; FERREIRA, M. A. F. (Org.). A produção de tabaco: Impactos no ecossistema e na saúde humana na região de Santa Cruz do Sul/RS. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MAURO, M.Y.C., VEIGA A.R. **Problemas de saúde e riscos ocupacionais: percepções dos trabalhadores de enfermagem de unidade materna infantil.** R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n1/v16n1a10.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2016.

MENDES, R. **Patologia do Trabalho.** 2 ed., vol. 1 e 2. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

MEUCCI, R.D. et al. Increase of chronic low back pain prevalence in a medium-sized city of southern Brazil. BMC Musculoskeletal Disorders, v. 14, n. 155, 2013.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Patricia Pereira V, et al. **Primeiro relato do surto da doença da folha verde do tabaco no Brasil** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 26(12):2263-2269, dez, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Convenção-Quadro para Controle do Tabaco**. Promulgação no Brasil. Decreto nº 5.658, de 2 de janeiro de 2006, que promulgou a Convenção-Quadro sobre Controle do Uso do Tabaco, adotada pelos países membros da Organização Mundial de Saúde, em 21 de maio de 2003, e assinada pelo Brasil em 16 de junho de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2006/Decreto/D5658.htm>. Acesso em: 27 julh. 2016.

PERONDI, M. A. SCHNEIDER, S. BONATO, A. A. Metodologia para avaliar a diversificação da produção em áreas cultivadas com tabaco. In: **Congresso Brasileiro de Sociologia e Economia Rural**. 2008. Rio Branco. Anais. SOBER, 1 CD-ROM.

RIQUINHO, D.L.; HENNINGTON, E.A. Health, environment and working conditions in tobacco cultivation: a review of the literature. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 6, p.1587-1600, 2012.

SANTOS, Vilma C. F. dos et al . Saúde e ambiente nas políticas públicas em municípios que cultivam tabaco no sul do Brasil. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 36, n. spe, p. 215-223, 2015. Acesso 10 ago 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/19831447.2015.esp.57189>.

SEAB (Secretária de Estado da Agricultura e do Abastecimento) Análise da Conjuntura Agropecuária – Fumo – Safra 2014-2015. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2016/fumo_2015_16.pdf> Acesso em: 08 jun. 2016.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras [Cap. 1, A perspectiva da liberdade, Cap. 2, Os fins e os meios do desenvolvimento, Cap. 4, Pobreza como privação de capacidades]. 2000.

USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. **World Markets and Trade**. Disponível em: [≤www.fas.usda.gov/psd.≥](http://www.fas.usda.gov/psd) Acesso em 20 set 2010.

YAMADA, R. S. Saúde e qualidade de vida: um estudo comparativo em duas comunidades rurais no Estado do Paraná. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2012.

Endereço para correspondência:

Marcia Domenica Cunico Barancelli – marcia.domenica@ifpr.edu.br
Av. Bento Munhoz da Rocha Neto s/nº, PRT-280, Trevo da Codapar
85555000 – Palmas/PR, Brasil
Telefone: (46) 32638150

Miguel Angelo Perondi – miguelangeloperondi@gmail.com
Centro de Pesquisa e Apoio Ao Desenvolvimento Regional
Rodovia do Conhecimento, km 1 - Bom Retiro
85503390 - Pato Branco/PR, Brasil
Telefone: (46) 32202541

Leticia Lima Trindade – letrindade@hotmail.com
Avenida Sete de Setembro, sala 2 - Centro
89802131 – Chapecó/SC, Brasil
Telefone: (49) 20499587